



Um segredo

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO)

ortugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600
A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Theologia Moral Universal

por

PEDRO SCAVINI

Segunda edição portugueza, traduzida e acuradamente revista e annotada sobre a 16.^a e ultima edição latina, por Mgr. José Marques Brito e Cunha, bacharel em theologia, protonotario apostolico de S. Santidade, professor do Seminario de Vizeu, conego capitular da Sé de Vizeu.

A Theologia Moral de Scavini é o tratado de Moral mais completo que se tem publicado no mundo.

Só esta Theologia recebeu louvores de Pio IX.

Esta edição está absolutamente actualisada e profusamente enriquecida com novissimos decretos.

A obra é impressa em bom papel e consta de 6 grossos volumes, nas dimensões de 22 por 15 c.^m com mais de cinco mil paginas de texto.

Preço da obra, isto é, dos 6 volumes: em brochura, 7\$200 reis e bellamente encadernada custa 9\$000 reis.

Pelo correio, para Portugal e Ilhas, accresce mais 250 reis.

Pelo correio, para o Brazil 1\$200 reis.

Companhia Portugueza Editora

SECÇÃO RELIGIOSA

Rua da Fabrica, 13--Porto

Artigos Photographicos

As maiores novidades
em chapas, apparelhos,
produçtos, cartonagens
e papeis.

Fornecedores dos principaes
estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica

Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de
ampliação á disposição

dos amadores.

Lições praticas de photographia.

Acabamento de todos os
trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os
artigos do seu commercio.

Mandam-se catalogos gratuitamente
contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

Manual da Adoração do Santissimo Sacramento Traduzido do original em
Francês do Padre Tes-

nière, pelo Padre José Antonio d'Oliveira. Brevemente será posto á venda este excellente tratado de devoção ao SS. Sacramento. N'esta redacção se accitam encommendas da mesma obra.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semana de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

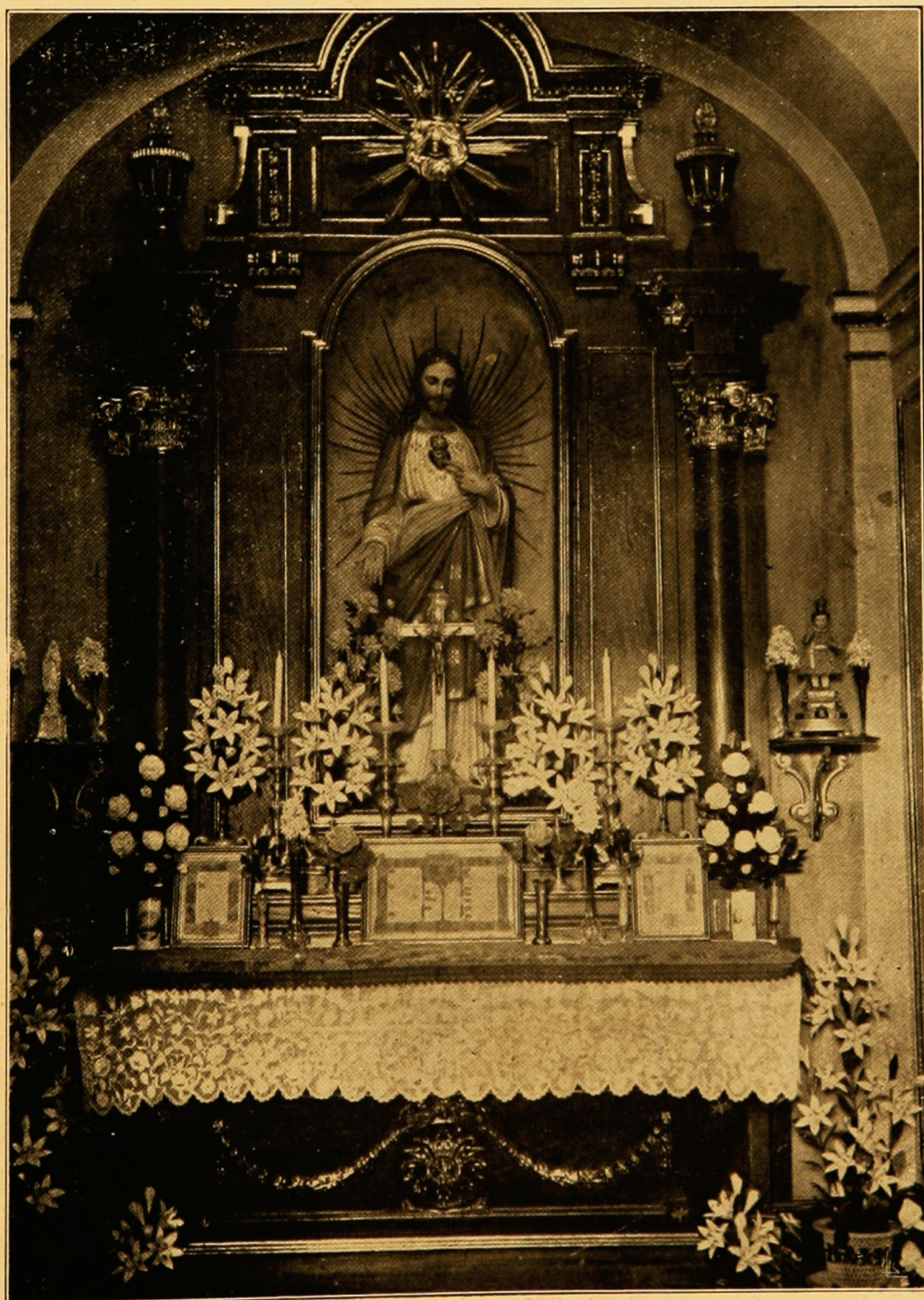
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 9 de maio de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 45—Anno I



BRAGA—Altar do S. Coração de Jesus, da capella particular que o ex.^{mo} snr. Manuel José da Rocha Velloso
possue no seu palacete ao Campo de Sant'Anna

Chronica da semana

XLV

OS jornaes conservadores tem ultimamente alludido á reacção que se vae operando na juventude portugueza contra as ideias revolucionarias hoje dominantes nas esferas governativas, apontando-as como auspicioso signal de futuro resurgimento nacional e de atmospheria incontestavelmente adversa á desordem do poder.

Todavia as suas allusões não são completas, pois que apenas visam o problema nacional pelo seu aspecto politico, ignorando ou fingindo ignorar que aquella reacção salutar se verifica em muito maior escala e com muito maior vitalidade no campo religioso.

Não queremos negar o valor e a verdade das suas affirmações, antes aperfeiçoa-las. O regresso da juventude á tradição politica manifesta-se sobremaneira n'um, por ora restricto, circulo de intellectuaes, filiando-se n'este facto a insinuação descabida e inoportuna de que a pretexto d'aquelle regresso, se está produzindo uma especie de *snobismo* tradicionalista, da mesma natureza d'um outro republicano, que recrutou nas gerações do *ultimatum* os seus consagrados pontifices.

Apanhados de surpresa pela catastrophe revolucionaria, vendo ruir tudo aquillo que fornecia á gloria da raça todo o brilho, e ao renome do paiz todo o prestigio; constatando a fallencia estrondosa d'aquelles principios de obsoletas doutrinas *liberaes*, que haviam formado as grandes e temperadas armas de suggestão popular, a quando proclamados, com perigosissima insistencia, do alto das tribunas dos comicios; encontrando-se, emfim, sem ideias definidas sobre o problema nacional, pois que a desillusão soffrida acabara de esmagar sob os seus escombros as que até ahi lhes haviam orientado o pensamento; — esses rapazes, dos quaes alguns com incontestavel valor, hauriram nas doutrinações da *Action Française*, presidida pelo admiravel cerebro de Carlos Maurras, os elementos fundamentaes d'um novo corpo de ideias que não só, phylosophicamente, levavam e levam vantagem sobre as apregoadas pela Revolução, como tambem traziam aos seus cerebros desprovidos e desertos, materia que por completo substituia aquell'outra do liberalismo escandecido que a nevada agreste da provação enregelara e sepultara.

A nosso vêr, porém, as theorias eminentemente conservadoras da *Action Française* ficarão inutilmente presas a um vago ondear de opinião intellectual, se porventura não procurarem os seus defensores portuguezes adapta-las ao meio nacional, completando-as com as lições da tradição lusa e até corrigindo-as em muitos pontos com outros ensinamentos prati-

NO

cos e doutrinaes, expendidos por compatriotas coevos e discipulos das sabias gerações de Veillot, de Bonald e de de Maistre.

A despeito, comtudo d'estas considerações, convém notar que a tradição é o fulcro de toda essa pleiade de jovens, que veem na politica uma sciencia e não um expediente facil, pouco atido a escrupulos, odioso e irritante, de que lançaram mão, desde 34, todos os chatins que cevaram a fome sacrilega das panças no corpo exausto da nação; e isto constitue, na essencia, a grande verdade do momento actual, em cuja estrutura palpita uma segura fonte de renovação nacional, que contrastará com a inercia mental das gerações precedentes, mais dadas a frivolidades exoticas de litteratura romantica que ao estudo positivo e real da situação impressionante do paiz.

O mesmo se verifica na acção da Juventude Catholica Portugueza que tem hoje aggre-miados perto de seis mil rapazes de todas as classes, movimento que não póde nem deve ser ignorado e que acaba de obter no seu 2.^o Congresso, do Porto, um verdadeiro triumpho. Esta desceu immediatamente ao campo d'acção. Possuia na doutrina da Egreja o seu pensamento fundamental, a sua razão de ser, e na situação lastimosa da Patria um estímulo e um incitamento. E' intransigentemente catholica no estudo, na piedade e na acção, e convictamente tradicionalista nas suas conclusões do problema nacional. O liberalismo nunca por nunca poderá contar com a Juventude Catholica Portugueza. Lançou-se na lucta unida, impellida pelo mesmo *élan* heroico. Tem nos seus fastos violencias sem nome contra si commettidas pela demagogia, mas d'ellas tirou alentos novos a novas cargas contra o inimigo. Nas suas fileiras ha soldados rudes d'uma dedicação de granadeiros napeoleonicos e ha pensadores e litteratos e jornalistas que só não são conhecidos porque não vogam na maré dos reclamos truanescos.

Agora mesmo entra na Universidade de Coimbra um dos seus membros mais illustres e queridos, o dr. Pacheco d'Amorim. A sessão solemne do Congresso do Porto, foi uma revelação eloquentissima.

Alli não ha manuelistas nem miguelistas, republicanos de hoje ou de hontem; ha catholicos integraes que querem refazer e hão-de refazer a ossatura moral da sua patria.

Batalhões sagrados, o dia d'amanhã é a sua victoria, o seu aneio fremente!

— E olhe, meu caro, dizia-me um d'elles, eu que fui um descrente, que a politicancia encoscorou em dementes agitações, ao contemplar a desaggregação das forças nacionaes, affirmo-lhe que o unico campo firme em que hoje se póde combater em Portugal, com audacia, com intelligencia e com segurança de consciencia, é o campo catholico!...

F. V.



Asylo de Mendicidade Conde de Agrolongo



NÃO sabemos qual é mais benemerito: se o que ampara o homem decrepito que não tem pão, nem pôde ganha-lo; se o que protege a creancinha, que não tem pae e precisa de educar-se.

Uma e outra missão social são igualmente bellas; mas na protecção ao velho ha o quer que seja de sublime, porque nem ao menos se pôde dizer que essa protecção seja feita em nome de um sentimento de egoismo social para lhe utilisar o valimento.

Pensamos assim, ao visitar o antigo Asylo de Mendicidade de Braga, reconstruido e ampliado por esse homem benemerito que o paiz se acostumou a reverenciar e que é o conde de Agrolongo.

Como brotou no animo do sympathico portuguez a ideia de levantar o grandioso edificio que hoje se admira em Braga?

Não foi porque alguém lh'o solicitasse; não foi porque pretendesse fazer jus a popularidade ou honrarias.

Foi por um sentimento muito espontaneo e muito digno de louvor.

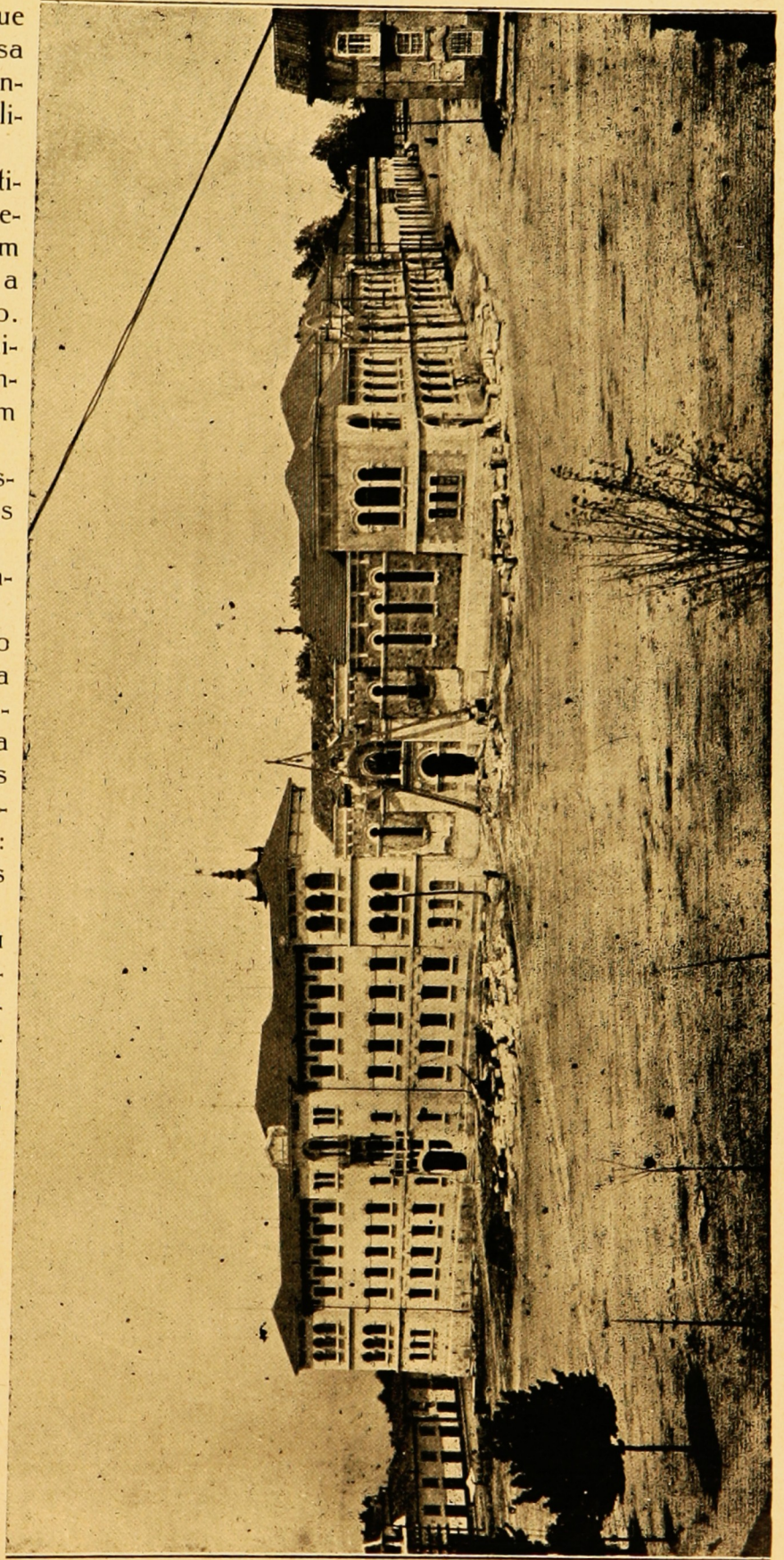
Visitando, uma vez, o antigo Asylo de Mendicidade de Braga, por tal fôrma o impressionaram as pessimas condições hygienicas d'elle, tal repugnancia lhe causou o cheiro pestilencial em todos os aposentos, que o sr. conde de Agrolongo não pôde conter este grito de alma: «E trazem-se pobres para aqui para os fazer viver assim!?,...»

Foi d'esse grito de alma que nasceu o pensamento de dotar o Asylo de Mendicidade com um edificio espaçoso e hygienico, como aquelle que hoje se levanta em Braga, e que é um verdadeiro monumento levantado não só ao cidadão prestante que o ergueu, como á raça portugueza, que se mostra capaz de faes generosidades.

Visitamos o Asylo, acompanhados pela bondosa senhora que é a sua directora, e muito grato nos foi observar que á grandiosidade do seu aspecto exterior corresponde a amplidão e a excellente distribuição da sua traça interna. Aposentos amplos, banhados de intensa luz, varridos de abundante ar, proporcionam aos pobres velhinhos, não apenas os confortos de um dôce retiro, mas os beneficios de um verdadeiro sanatorio.

Tudo é alegre, tudo acariciador, tudo proprio a levar clarões de luar ao crepusculo da vida que vae descendo, implacavelmente, sobre os pobres velhos recolhidos!

No pavimento terreo ficam os refeitórios, com as suas mezas de marmore espelhante, tendo o chão coberto de corticite, para não ser demasiadamente frio. Tambem ficam n'este pavi-



Asylo de Mendicidade Conde de Agrolongo (Na parte esquerda do mesmo edificio está annexo um asylo para cegos)



mento a cosinha com o seu amplo fogão, a copa, a dispensa e bem assim os aposentos destinados á administração do Asylo, a capella, etc.

Nos dois andares superiores estão os dormitórios, as rouparias, as salas de trabalho, os lavabos, os balneários e, em uma especie de pavilhões isolados, os *water-closet*.

Nos mais pequenos pormenores observam-se os preceitos estabelecidos pela sciencia, taes como: as arestas boleadas para evitar a accumulção de poeiras e microbios; a ventilação devidamente regulada pela parte superior e inferiormente nos corredores, etc.

E', emfim, uma construcção modelar que muito honra o distincto architecto que a delineou e n'ella superintendeu, o snr. Moura Coutinho, cuja competencia se tem demonstrado já em outras obras igualmente importantes.

Em terreno annexo ao Asylo fica a installação da energia

electrica, com um motor a gaz, dynamo da casa Schuckert e uma bateria de accumuladores da casa Tudor e bem assim um moinho, montado pelo engenheiro snr. John Praça e uma bomba para elevar a agua aos diversos reservatorios existentes no grandioso edificio.

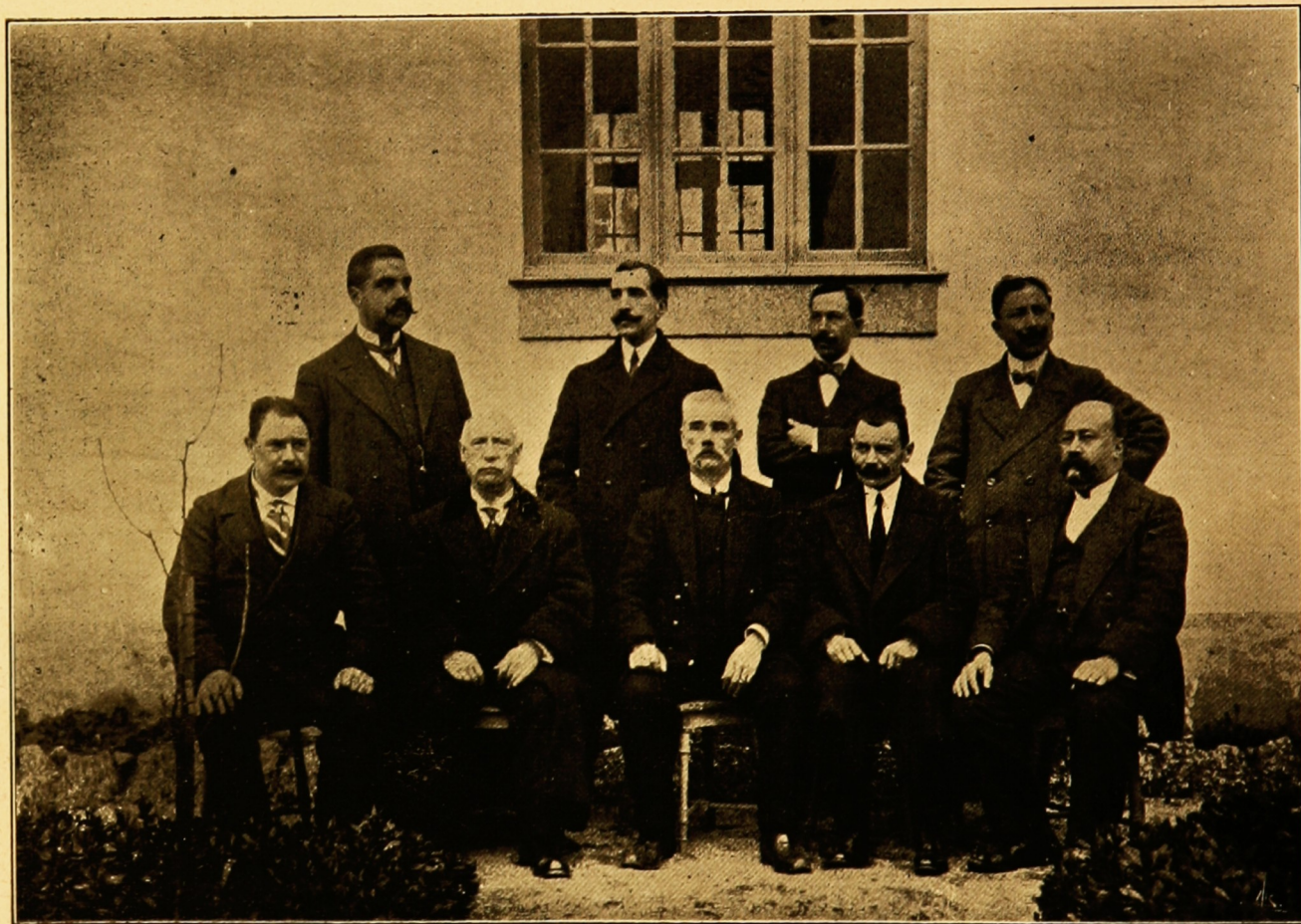
N'esse terreno, ainda em transformação, fica a horta, em que alguns asylados mais válidos trabalham, quando podem, as pocilgas para cevados, cuja alimentação é feita á custa da lavagem fornecida por esmola por pessoas caritativas. Até n'essas pocilgas se observa as melhores condições da hygiene, sendo construidas segundo os modelos hoje adoptados.

A tudo, emfim, presidiu o proposito de realisar uma obra perfeita e duradoura.

Não contente com a construcção do Asylo de Mendicidade, o sr. conde de Agrolongo fez construir junto d'elle um Asylo de Cegos e mandou restaurar a antiga capella do Asylo,



Conde de Agrolongo



Direcção do Asylo de Mendicidade Conde de Agrolongo

- 1.º plano, (sentados) — Domingos José de Souza Gomes, (director). Adriano Aragão, (thesoureiro). José Antonio d'Araujo Barbosa, (presidente). José Maria Gomes Bello, (secretario), e José da Silva Esperança, (director).
2.º plano, (de pé) Antonio Rodrigues Junqueira Junior, (director). Antonio Fernandes Lopes, (idem). Dr. João Maria da Cunha Barbosa, (idem), e Manuel Marques Carneiro, (idem).



Um grupo de asylados

dando-lhe outro aspecto exterior, sem todavia, deixar modificar a velha e preciosa talha, nem retocar os valiosos quadros do tecto, que apenas foram limpos, aproveitando-se tambem convenientemente os paineis antigos de azulejo.

Todo o homem carece de encontrar o seu

homem — costuma dizer-se, e é bem verdade.

O benemerito conde de Agrolongo achou o seu homem na pessoa do seu dedicado amigo e estimado bracarense, snr. José Antonio de Araujo Barbosa, que tem velado pela construção do Asylo, a cuja administração preside.



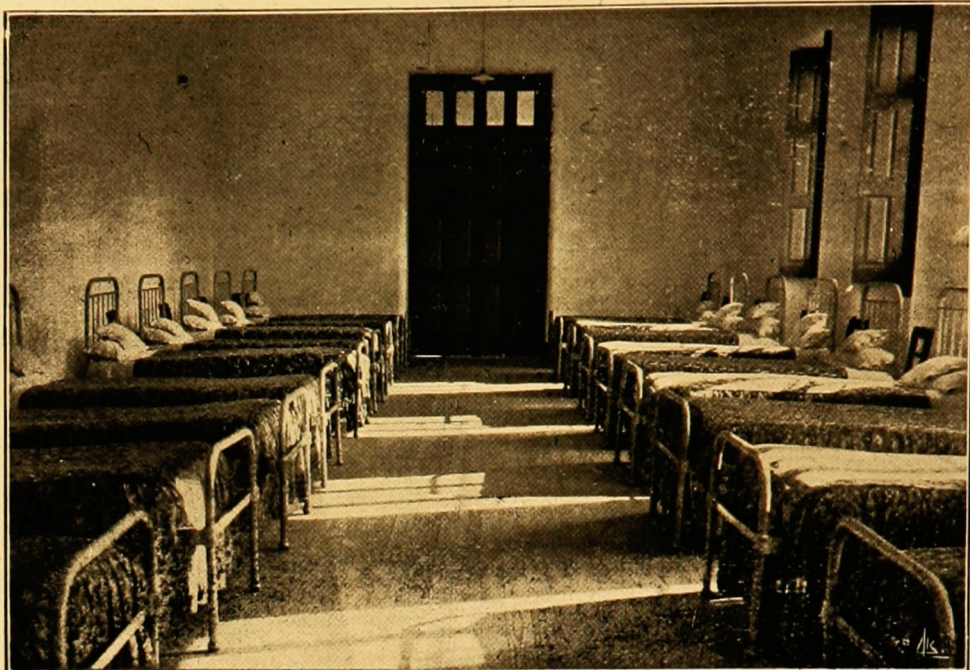
Um grupo de asyladas

com afan levado até ao carinho, que não excederia, de certo, se se tratasse de obra propriamente sua.

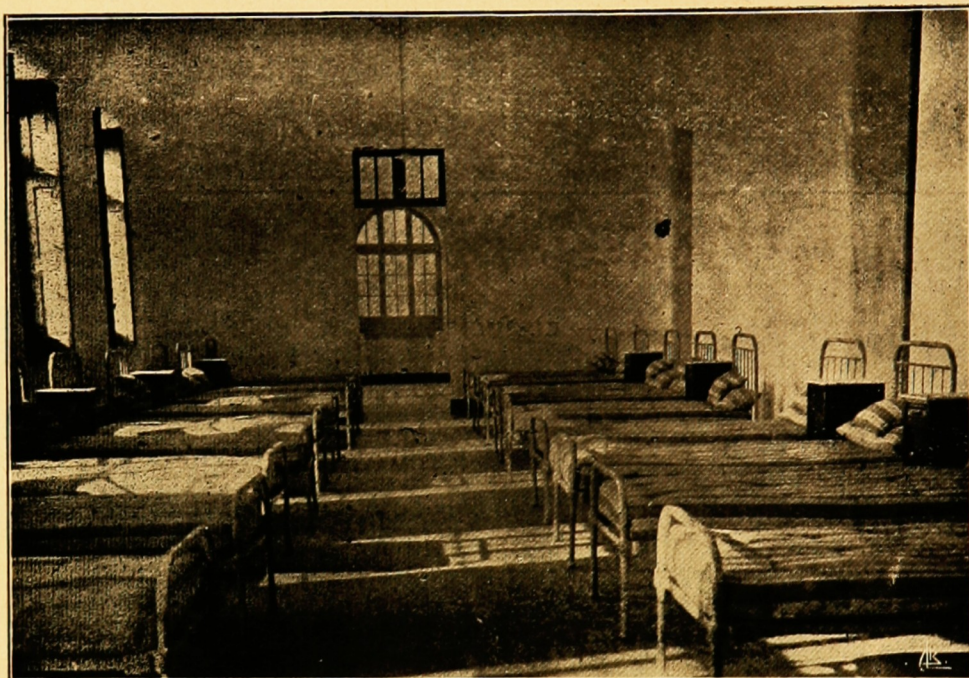
Braga, pôde ufanar-se da instituição magnifica que hoje possui e que não tem paralelo no nosso paiz.

A sua justificada ufania cumpre-lhe reunir a gratidão immensa que deve ao grande benemerito que realisou obra tão prestante, immortalizando o seu nome.

Esse nome quizeramos vêr em letras bem luzentes, no frontão do edificio, de fôrma a attestar ás gerações vindouras um dos maiores rasgos de generosidade de portuguezes, no nosso tempo.



Um dormitorio do Asylo



Outro dormitorio

No dia em que esse nome alli avulte, devem os bracarenses, devemos todos nós, passar reverentes diante d'elle, saudando-o com o respeito, com a gratidão e com a sympathia a que tem direito.

(De *O Commercio do Porto*).

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)



MA noite, em Hespanha, no esconso de um *callejô* sombrio, encontrei um pobre mendigo que o povoleo apertava com insultos e chufas. Baixo, magro,

NOVO NOVO

toria inflamada que não queria saber e cobria-o de improperios, d'offensas, ria-se das suas palavras, dos seus gestos, das suas attitudes theatraes, mas elle indifferente jámais tivera um arremesso para o insulto, jámais se utilisara n'uma ameaça, do pau nodoso que lhe servia de bordão.

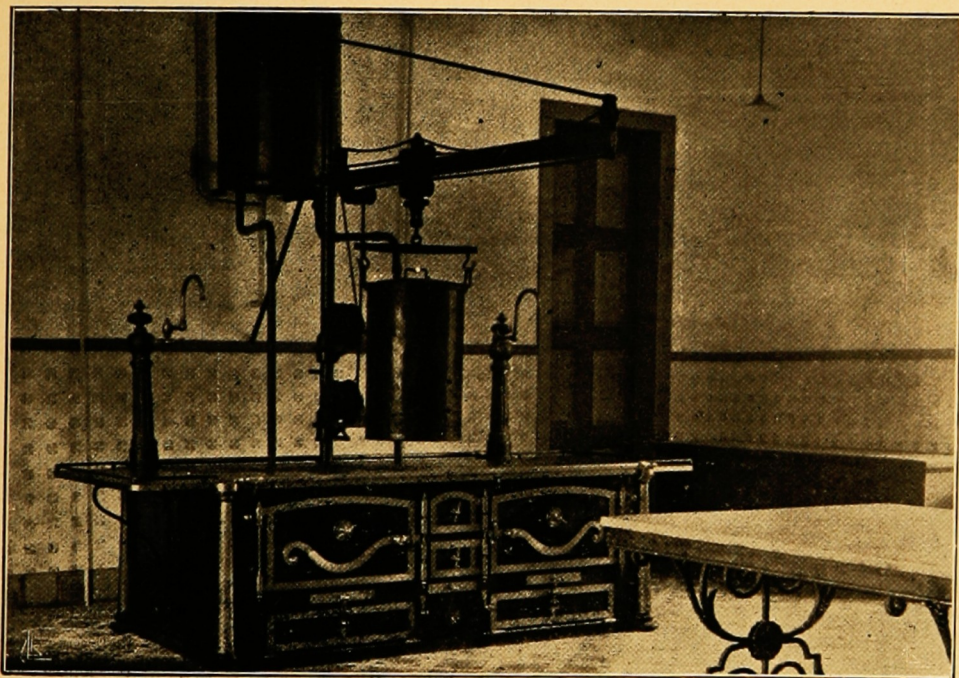
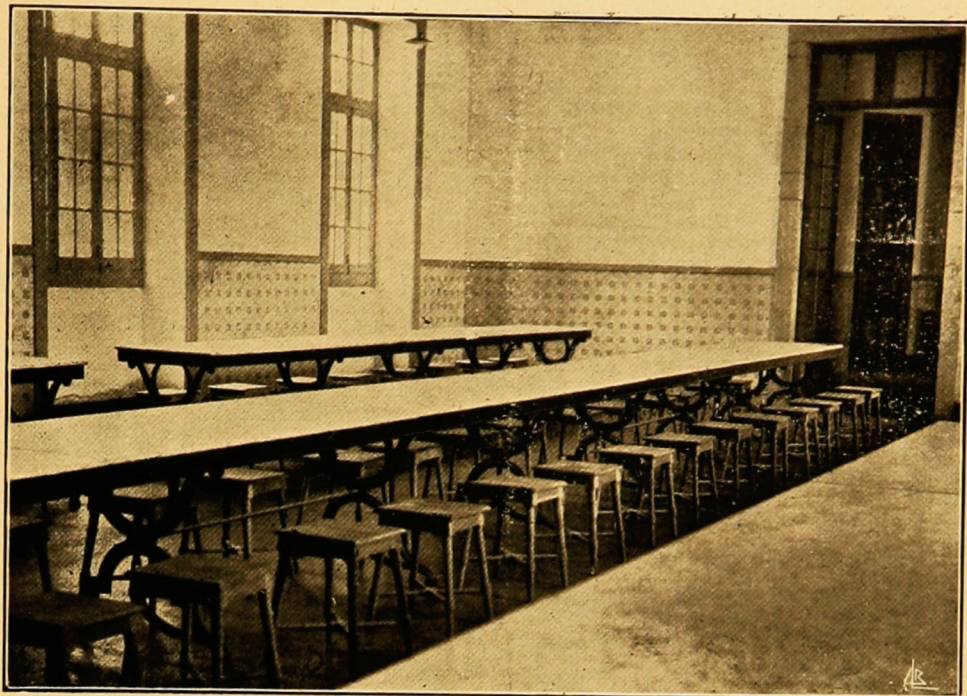
Pelo contrario, quanto mais o insultavam mais elle se animava na sua arenga e desprendendo dos labios sem côr, um sorriso altivo mas complacente de illuminado, fulminava a multidão n'um gesto largo e rindo, rindo, a barbicha grisalha, a tremer como a d'um sata-naz de theatro, o homem tinha um raro assomo de furia e passeava os olhos trementes n'um extranho brilho, excommungando a massa insultadora. Depois, vinha o canção, cahia extenuado, farto, o olhar já sereno, a pupila calma, n'uma resignação d'apostolo, a mesma ad-



miravel magua d'illuminado
ao vêr desentendida a sua
messianica missão.

Nos raros momentos lu-
cidos, que lhe vinham ao es-
pirito como lampejos de luz
no meio da treva profunda
d'aquella intelligencia obscu-
recida o doido, moderava os
gestos, enternecia a voz e
n'uma cadencia constante de
peregrino, dizia mansamente:

— «Como os homens são
maus!... Tempo virá que me
farão justiça... São maus! Iso-
lados podem ser santos; jun-
tos são sempre fêras!...» — e
n'estes momentos a multidão
já não insultava, ria, pasma-
da, alvar, inconsciente...



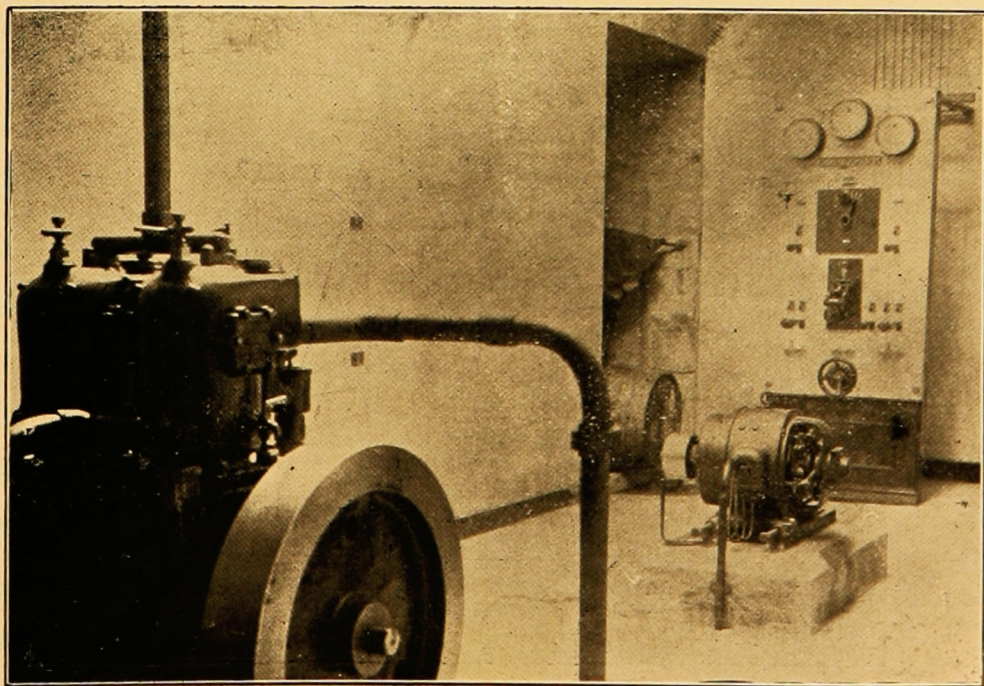
1 — Refeitório. 2 — Cosinha.
3 — Motor para a energia
electrica e moagem de ce-
reaes.

— «Os homens, fêras, fê-
ras!... Mas fêras pequenas que
mordem por instinto, sem sa-
ber o que fazem. Inconscien-
tes, Inconscientes!» — era as-
sim que terminava sempre.

No meio da sua loucura
vislumbrava a verdade, por-
que afinal não ha nada mais
incongruente do que a multi-
dão. Insulta, acclama, sem mo-
tivo, sem uma razão forte, co-
bre de flôres um idolo com a
mesma sinceridade com que
amanhã o cobre de pedras.

Nunca consegui desvendar
o mysterio d'aquella vida!
que suprema tragedia eu advi-
nhei atravez do enygma admi-
ravel d'aquelles andrajos, no
brilho d'aquelles olhos extra-
nhos, na treva immensa d'a-
quelle espirito! que decepções,
que miserias, peregrinara
aquella alma, até chegar á lou-
cura, ao desvairamento e co-
mo teria soffrido aquelle ho-
mem, para chegar a conhe-
cer tambem os outros ho-
mens.

Um doido ou um desgra-
çado—eu sei—mas um doido
sublime, um desgraçado admi-
ravel que tinha da vida e da
desgraça a mais exacta noção.



E' passiva, é cobarde. Uma creança pôde arrasta-la; um homem que a domine, guiará as suas paixões, os seus enthusiasmos, como se fizesse mecher os bonecos articulados d'um *guignol*... Não tem firmeza nas predilecções, não tem persistencia nas ideias. E' uma massa sempre cega, porque é apaixonada, sem caracter, sem feição propria, inconsciente, brutal. Acclama hoje um heroe para amanhã lhe cuspir os maiores insultos. Agitada, suggestionada, vae

até ao excesso; fanatizada vae até ao crime, mas glorificando ou humilhando, com acclamações ou com insultos é sempre a mesma, feroz, impulsiva, selvagem...

E tudo isto veio a pêllo, em face do telegramma da *Reuter* que noticia que o Presidente Huerta está sendo vivamente acclamado na capital mexicana.

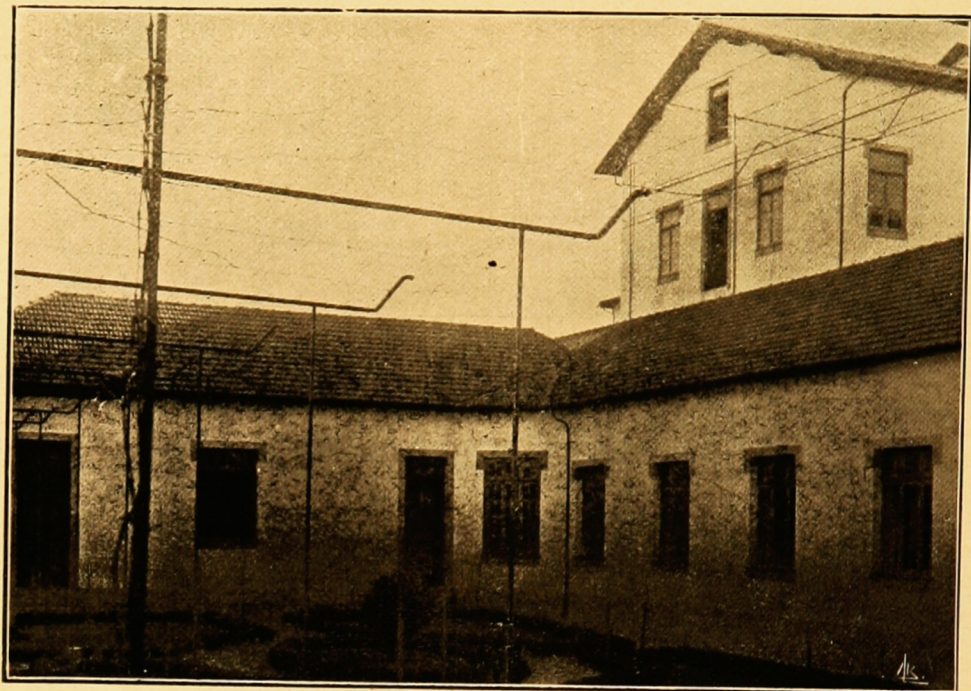
O feroz dictador, o homem sanguinario, que empurrou a sua patria para a guerra e pa-

ra a miseria, ainda hontem odiado do seu povo que pedia, tresloucado, a sua cabeça é hoje acclamado, coberto de benções e de flôres.

«Féras, féras,... mordem por instincto sem saber o que fazem... Inconscientes, inconscientes!...» O doido afinal tinha razão...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Nas guerras de opiniões e nas guerras politicas, cada um, parecendo-lhe vêr a virtude do seu lado e o crime no campo inimigo, reputa todos os meios legitimos para chegar aos seus fins, e infringe sem escrupulo todos os principios da justiça, e todas as regras da moral.



Um dos jardins no interior do Asylo



Claustro do Asylo

HOMENAGEM



Hirey para onde me mandarem
seja Africa, ou America, que em
toda a parte ha terra para o corpo,
e Deus para a alma e lá nos acha-
remos todos diante d'aquelle Tri-
bunal onde só festemunha a verda-
de, sentença a justiça, e nunca
he condemnada a innocencia.

(Carta ao Duque de Ca-
daval. P.^e Antonio Vieira).



MORREU no exilio o benemerito
P.^e Antonio Borges Vieira.

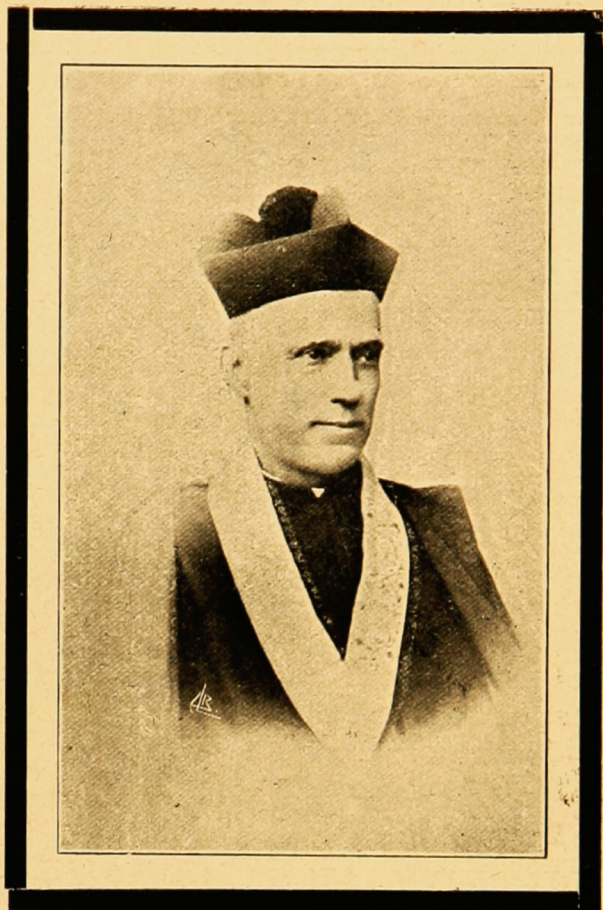
A sua vida foi repleta d'obras
bemfazejas, nasceu, viveu e morreu para Deus.

A patria dera todo o esforço do seu espi-
rito dotado de grande brilho intellectual.

A luz que lhe illuminava o coração nunca
se apagou mesmo atravez os espinhos que tan-
to o magoaram nas doces illusões da sua vida
toda cheia d'amor e caridade.

Por divisa finha: amar aquelles que o per-
seguiam e no olhar resplandecente de bondade
que tanto o caracterisava lia-se o perdão que
o Crucificado, ao morrer, lhe ensinara: Per-
doae-lhes, Senhor, que não sabem o que fazem.

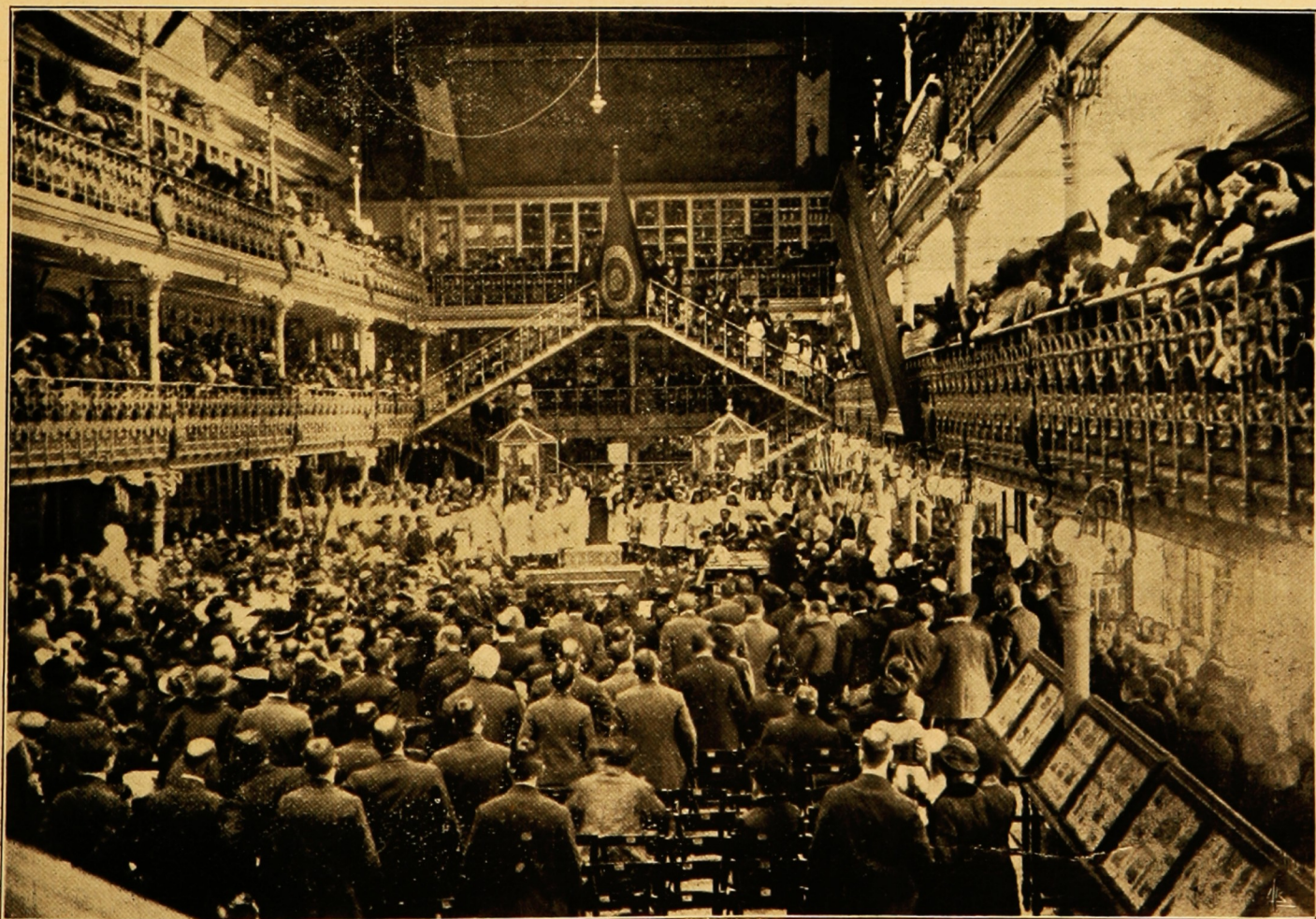
Os seus companheiros expulsos como elle



Padre Antonio Borges Vieira

Fallecido recentemente em Pau, (França)

da patria amada, lá foram para longe acolhi-
dos em terras hospitaleiras, mas o carinho
com que os receberam jamais fará esquecer
aos pobres expatriados, o paiz que os viu nas-



LISBOA—Aspecto da sala «Portugal» da Sociedade de Geographia, no dia da inauguração
do Congresso Pedagogico



cer, o céu côr de anil, o esplendor do sol, que a jorros espalha os seus raios doirados nas campinas vestidas de verdura, nos montes, nos valles e na cruz alvejante da sua modesta aldeia onde a infancia lhes corra suave e descuidosa. Hoje em longo desterro, curtindo saudades, erguem ao céu preces por aquelles que os perseguiram e maltrataram. Mas não são estes a quem Jesus disse: *bemaventurados os que soffrem perseguição por amor da justiça, porque d'elles é o reino dos Ceos?*

A nostalgia foi-lhes roubando a vida pouco a pouco, até que a luz se apagou n'aquelles olhos sempre fitos na longinqua patria e lá morreram e vão morrendo com a saudade da sua terra bem amada, elles que foram a gloria d'este outr'ora abençoado Reino e tanto lhe conquistaram pela sua palavra attrahente! A espada dos Cruzados não dera tanta victoria como estes humildes discipulos de Jesus; não trouxeram, é verdade, loiros



LISBOA—O principe allemão Schaumbourg-Lippe + e sua comitiva depois de desembarcarem na Alfandega

A bordo do vapor «Cap Ortegal» chegou ultimamente a Lisboa o principe allemão Schaumbourg-Lippe.

Sua alteza, que viajava incognito, com o titulo de Conde de Darva esteve hospedado no hotel Avenida Palace, aproveitando os momentos de demora na capital para visitar os principaes monumentos.



LISBOA—O novo embaixador do Brazil, dr. Regis d'Oliveira + e o pessoal da legação e consulado a bordo do paquete «Arlanda»

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa).

nem tropheus, outro fôra o seu Padrão de Gloria.

Os seus feitos lá estão gravados no Grande Livro da Vida e quando se desenrolar deante dos olhos da humanidade a historia da sua grandeza que só Deus conhece, elles, que o mundo na sua criminosa ingratição tanto calumniou, e martyrisou, sahirão vencedores, triumphantes alem do tumulo no limiar da eternidade.

O Brazil, o Japão e a India attestam bem

alto na historia da Civilização quem foram estes mensageiros que os libertaram das trevas em que jaziam. Hoje o grande paiz que foi nosso onde o immortal orador P.^e Vieira, em longinquas eras, gastou os melhores annos de sua existencia, evangelizando e consagrando ao Senhor tanta ovelha desgarrada, abrelhes de par em par as suas portas hospitaleiras, e nas Universidades e Escolas Superiores são os expulsos de Portugal recebidos com palmas e laureis...

E' porque teem o thesouro da verdadeira sciencia, n'elles nunca exgotado; beberam-na em a Fonte da Vida que é Deus.

Morreu no exilio quem tanto lidou, e nós que o conheciamos e admiravamos no labutar constante do seu apostolado, quizeramos poder prestar-lhe a homenagem condigna ao seu grande nome, mas apenas conseguimos regar a sua sepultura com lagrimas de verdadeira saudade.

A nossa humilde penna jamais poderá dar uma pallida ideia do que em vida foi o rev. P.^e Antonio Borges Vieira, da Companhia de Jesus.

Um panegyrico da sua vida seria relembrar



as obras grandiosas dos filhos de Santo Ignacio, que n'elle tanto se reflectiam, seria contar ao mundo algumas paginas da historia colossal do Glorioso Apostolo das Indias cujo nome é o symbolo mais perfeito do amor que a Deus foi dedicado.

E' como um rasto luminoso que do céu descerá á terra sem nunca jamais se apagar da memoria dos homens até á consummação dos seculos.

*Se morrer por seu Rei é sorte illustre
morrer pelo seu Deus nada mais bello*

Braga
Maio 1914.

MARIA SALOMÉ.



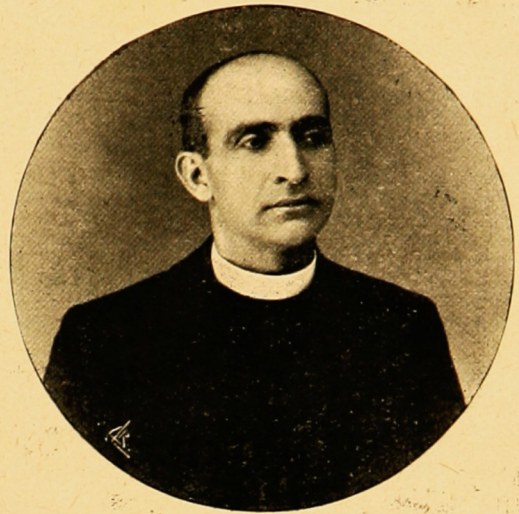
Escola Academica de Guimarães

OOO

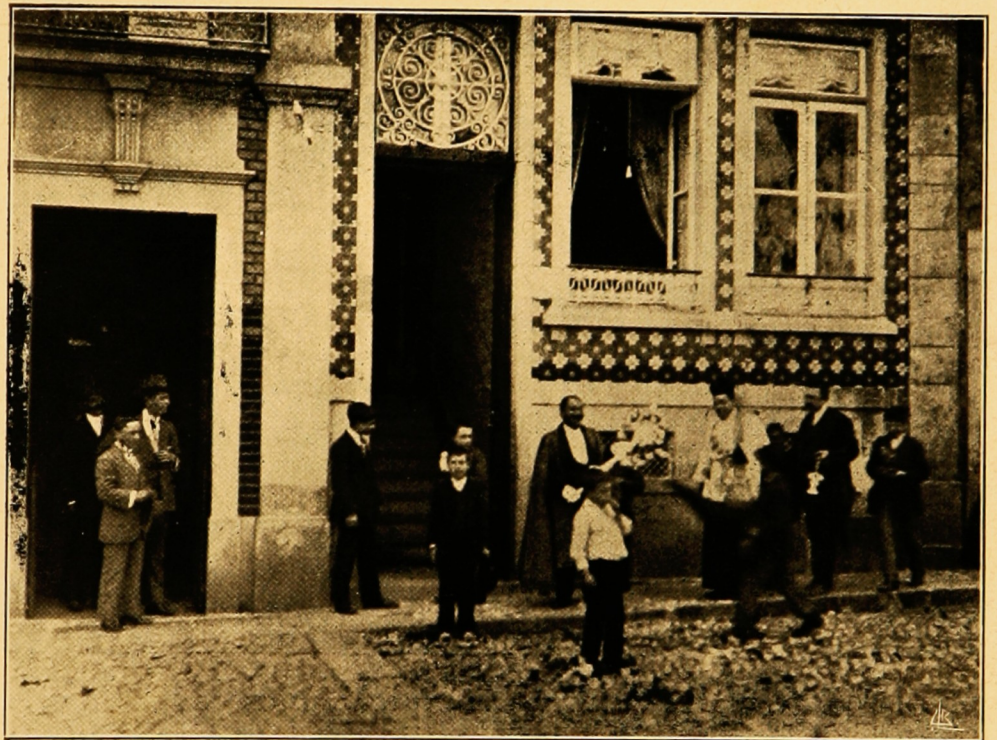
Está em festa a Escola Academica de Guimarães, modelar estabelecimento de educação e ensino, pelo anniversario natalicio do seu illustre e virtuoso director, ex.^{mo} sr. P.^e José Maria da Silva, cujo retrato acompanha esta despretenciosa e singela felicitação.

S. ex.^a a esta hora deve sentir-se feliz por ver que, do numeroso e disciplinado rebanho de que é dignissimo maioral, nem um só joven lhe nega tributo de reconhecimento pelo paterno disvelo e intensa mestria com que tem sido

guiado. E' que o ex.^{mo} snr. P.^e José Maria da Silva, não vivendo para si mas para os seus



Padre José Maria da Silva



BRAGA—S. Jeronymo de Real. O rev. Luiz Portella dando as boas-festas aos seus parochianos



BRAGA—S. Jeronymo de Real. Outro aspecto da visita paschal

(Clichés do phot. am. sr. Americo F. Silva).

educandos, captiva e faz-se querido.

S. ex.^a possui o condão de saber conduzir com suavidade... gosto, pela róta da Ventura e do Bem, os que ensaiam os primeiros passos na vida das lettras. E' educador perfeito, exemplar.

Não espanta, pois, que todos á uma, sem hesitações, do peito arranquem o coração e generosamente, em homenagem, lh'o offereçam

E nós d'aqui, com cartão de parabens muito da alma, ao Céu fazemos votos para que s. ex.^a largos e fecundissimos



annos fructuosamente cultive a flor da degenerada raça portugueza.

Ad multos annos.

Uma festa em Casaes Novos



FESTA linda, de primavera em flor, de perfumes suaves, de luz inebriante de vida, de impressões tonificantes do espirito, foi, sem duvida, a passada em Casaes Novos, no remansoso solar do Conselheiro dr. Joaquim de Vasconcellos. No dia 15 ultimo, este nosso querido amigo, tendo para commungar pela primeira vez os seus filhos mais novos Julio e Julia, quiz que esta data



BRAGA—S. Paio de Pousada. O parochinho saindo da igreja para a visita paschal



BRAGA—S. Paio de Pousada. Um aspecto do encontro das cruses de S. Paio e Moure por ocasião da visita paschal

ficasse para sempre indelevelmente impressa no espirito d'esses jovens commungantes. E conseguiu-o, sem duvida, com essa festa tão encantadora que fez revestisse um tom de poesia e piedade que a todos entorneceu.

Foi S. Ex.^{cia} o Senhor D. Antonio Barroso, que veio expressamente do Porto, quem administrou a Sagrada Eucharistia, aos neo-commungantes, celebrando missa na capella particular de Casaes Novos. Ao *Ecce Agnus-Dei*, fez S. Ex.^{cia} uma eloquente allocução que emocionou até ás lagrimas todos os presentes.

Apezar de se ter procurado guardar o maior segredo d'esta viagem do venerando



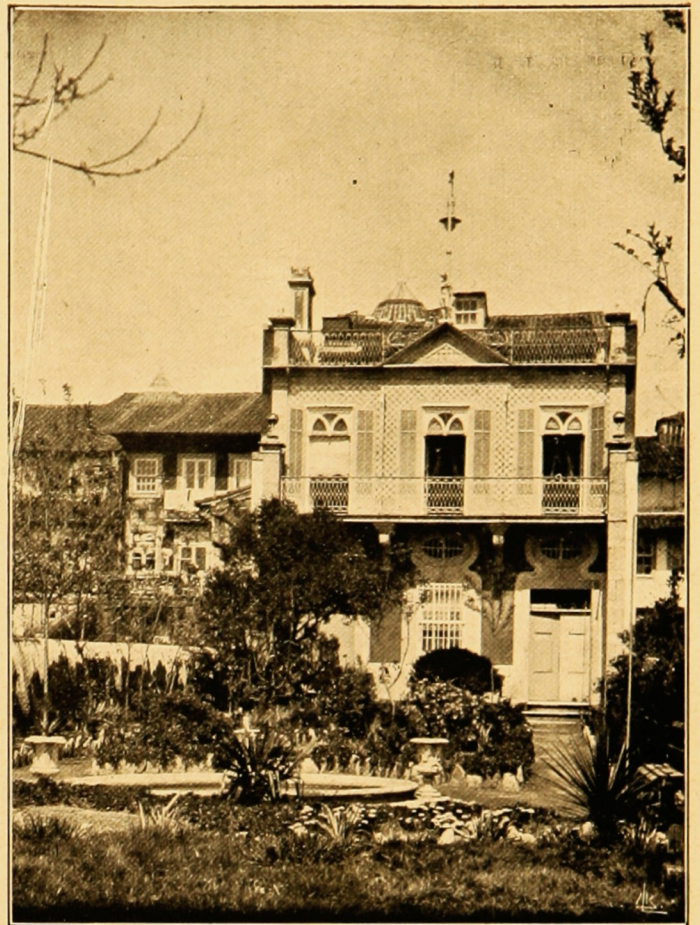
VIANNA DO CASTELLO—Serreleis. A visita paschal, segundo o costume d'esta freguezia

(Cliché do phot. am.sr. Vianna Carvalho).





BRAGA—Palacete ao Campo de Santa Anna, propriedade do ex.^{mo} sr. Manuel José da Rocha Velloso.



BRAGA—Um aspecto do jardim e trazeiras do palacete do ex.^{mo} sr. Manuel José da Rocha Velloso



CASAES NOVOS—O Senhor D. Antonio Barroso e o sr. Conselheiro Joaquim de Vasconcellos



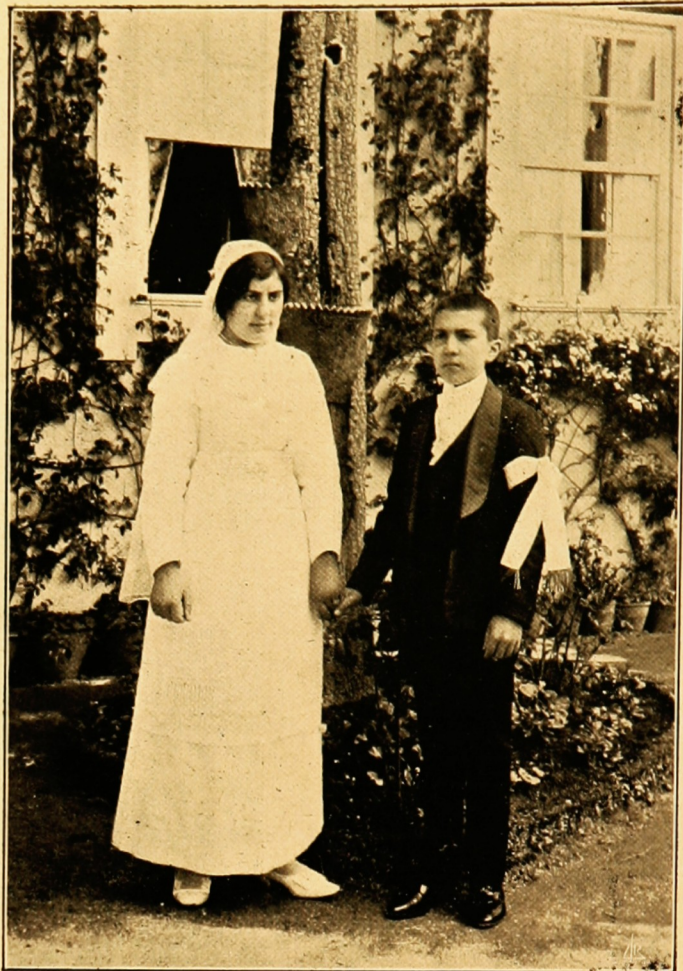
CASAES NOVOS—Familia do sr. Conselheiro Joaquim de Vasconcellos



ção social e moral do nosso paiz, aviventando energias e fortalecendo caracteres, como tanto é necessario para o rejuvenescimento de alma nacional.

A todos que se acercaram do illustre Prelado tambem o sr. Conselheiro Joaquim de Vasconcellos dispensou fidalga attenção, obsequiando com um serviço ambulante de bolos, chá e chocolate innumeras pessoas que pejavam os seus salões.

A tarde foi servido um lauto banquete a que assistiram quasi exclusivamente pessoas da familia. Trocaram-se varios brindes, entre os quaes o do sr. Conselheiro Vasconcellos ao Prelado do



CASAES NOVOS.—Os meninos *Julio e Julia neo-commungantes*

Porto, e o d'este agradecendo e brindando a Sua SS. Pio X.

Ao entardecer o bondoso Prelado, Senhor D. Antonio Barroso regressou, em automovel, ao Porto. Acompanhavam-no, além do seu capellão particular, rev. Aurelio Pinheiro, o rev. P.^e Guimarães Dias e Donaciano Abreu, respectivamente professor e director do Collegio Almeida Garrett.

Começaram depois a debandar os restantes convidados. Assim terminava a festa que a familia de Casaes por certo registará entre as mais lindas que tem feito e que jamais poderá ser olvidada por quem a ella assistisse.



CASAES NOVOS—O Senhor D. Antonio e alguns membros da J. C. de Penafiel



CASAES NOVOS—O Senhor D. Antonio Barroso com a familia Vasconcellos e convidados na despedida

(Clichés gentilmente cedidos pelo sr. padre Xavier d'Almeida).

PORTO--Club de Tiro. Torneio nacional

Com uma concorrência numerosa e distinta realizou-se ultimamente no Porto um concurso de tiro aos pombos que decorreu muito animado.

A poule de ensaio com 16 atiradores, foi ganha, em desempate, no tiro da taça — Elite — pelo snr. dr. João Antunes Guimarães. No segundo domingo, a taça—Campeonato—foi disputada em 20 pombos cabendo o primeiro premio ao snr. dr. João Antunes Guimarães.



PORTO—O sr. dr. João Antunes Guimarães fazendo fogo

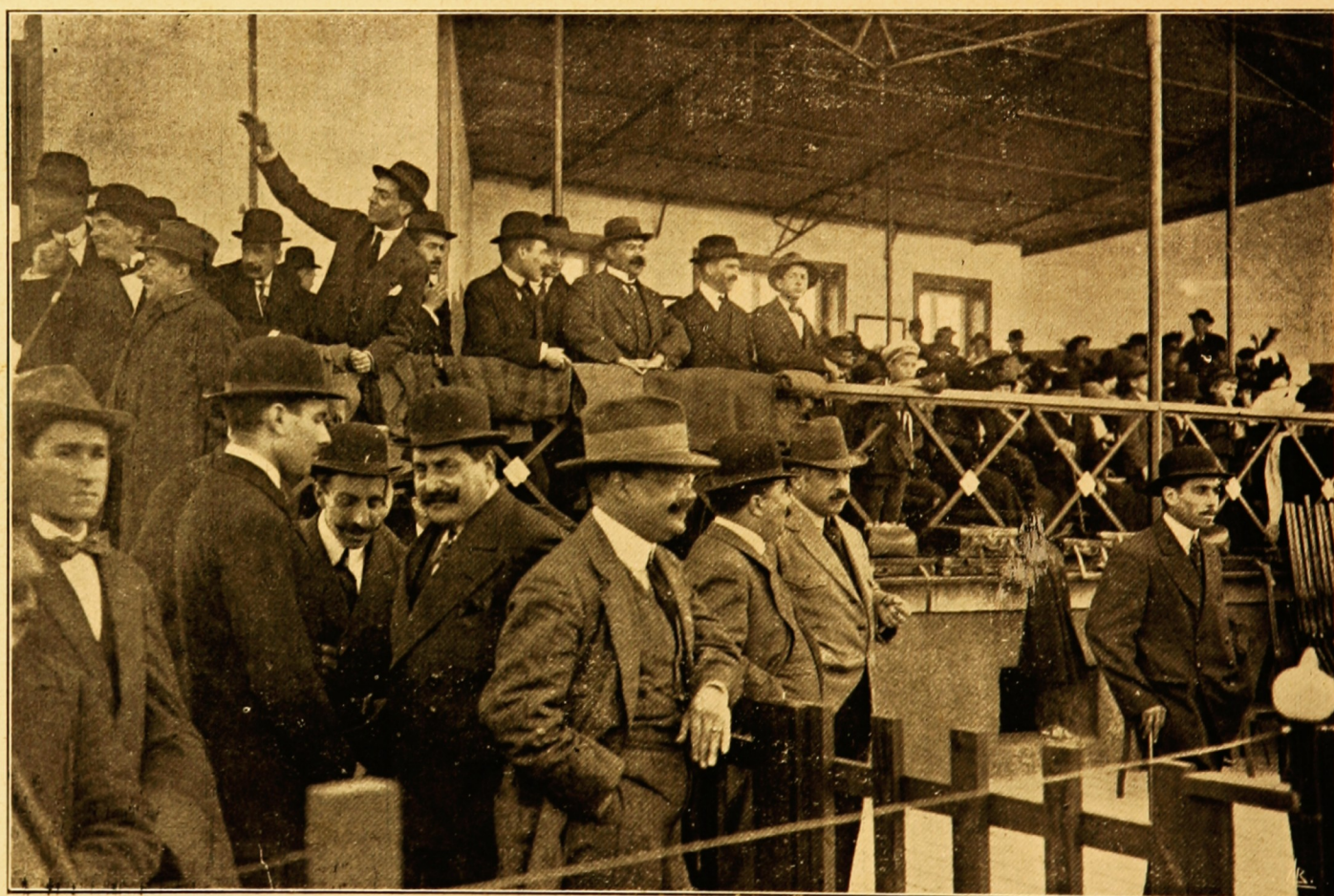


PORTO—O sr. Jayme Correia esperando o signal de desfechar





PORTO—Um aspecto da assistencia



PORTO—Outro aspecto da assistencia

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)